

DRUMMOND, POETA ANGLO- FRANCÊS

Benedito Nunes



DRUMMOND, POETA ANGLO- FRANCÊS

Benedito Nunes*

Quando, no início da década de 50, ainda freqüentava a Faculdade de Direito, em Belém, o poeta Mario Faustino, que já se distinguia como tradutor de poesia, fez um curioso exercício de versão, passando para o Inglês, língua que lhe era muito familiar, o poema Estâncias, de Carlos Drummond de Andrade. Lido em voz alta pelo próprio Mário, naquele "puro sotaque oxfordiano" de que ele se gabava mais por pilhéria que por vaidade, o texto de Drummond colava tão perfeitamente à língua inglesa, em ritmo, significação e imagem, que parecia ter sido originariamente escrito nesse idioma. Interpretando a sua proeza de tradutor, o poeta de *O homem e sua hora* atribuía o êxito desse mimetismo lingüístico à alta eficácia da linguagem de Drummond. Era, segundo dizia, uma prova experimental, prática, de laboratório, da universalidade dessa linguagem, cujos valores poderiam subsistir em qualquer outra língua. Se tal prova fosse necessária, o experimento de Mario Faustino seria confirmado pouco tempo depois, ao tomarmos conhecimento das traduções de Drummond para o inglês, devotamente elaboradas pelo poeta norte-americano Robert Stock, durante os cinco anos de sua permanência em Belém, na mesma década de 50.

* Professor, Filósofo e Escritor



Robert Stock, Bob, o Homem da Matinha como nós também o chamávamos por alusão ao bairro do subúrbio onde ele vivia num barraco de chão batido entre malas e bancos de madeira, era, fato espantoso, um norte-americano que, além de pobre, parecia ter feito voto de pobreza. Foi dele que ouvimos, pela primeira vez, os nomes de Henry Miller, Pound e Cummings. E foi a primeira vez que vimos um missionário às avessas, discípulo espiritual de William Blake e de David Thoreau, hippie antes dos hippies, leitor atento da *Ética* de Nicolai Hartmann, egresso das comunidades inconformistas de Big Sur. Para ele, até hoje, o verdadeiro trabalho, o *real work* da espécie humana, é a criação poética. Exercia-a no entanto de forma incessante, como obrigação diária, a que livremente se entregava. Quase semanalmente distribuía aos amigos, em largas folhas de papel quadriculado, cobertas com letra miúda, aqui e ali carimbadas por manchas digitais e nódoas de café, poemas de sua própria autoria, bem mais raros porque muito elaborados, e amostras do melhor em poesia de língua inglesa, desde os sonetos de Shakespeare até os versos de Kenneth Patchen, Kenneth Rexroth, Amy Lowell, H. D., Herbert Lawrence, Yeats, Cummings, William Carlos Williams, Empson, Gerard Manley Hopkins. No meio disso tudo, coisa por ele muito estimada, havia uma série de poemas drummondianos traduzidos para o inglês. Datam dessa época – *Desdobramento de Adalgisa* (*The unfolding Adalgisa*), *Registro civil* (*Civil registry*), *Congresso internacional de poesia* (*International congress of poetry*), *Política literária* (*Literary politics*), *Canção da moça-fantasma de Belo Horizonte* (*Song of the girl ghost of Belo Horizonte*), *Lembrança do mundo antigo* (*Memory of the old world*), publicados depois, em revistas literárias norte-americanas de reduzida circulação.

Com seu pequeno grupo – a mulher, três filhos e o macaco Parsifal – Bob retornou, nos meados de 1952, para os Estados Unidos, onde exerceria, entre S. Francisco e New York, diversas “profissões noturnas”. Em 1970 fui encontrá-lo em Staten Island, morando numa outra Matinha; três anos antes publicara *Covenants*¹, seu primeiro livro de poesia. Dos trinta poemas que compõem esse volume, o último e o mais longo é uma homenagem ao amigo comum, Mario Faustino, falecido em 1962 (*The poet Mario Faustino descends into hades and rises to the empyrean*). E dois

¹ *Covenants* by Robert Stooock – Trident Press, New York, 1967.

deles trazem, entre parêntese, abaixo dos respectivos títulos, *The irritated office* (*Oficina irritada*) e *Confession* (*Confissão*), a advertência *after Carlos Drummond de Andrade*, pela qual o autor quis mostrar-nos que, ao traduzir esses poemas de Claro enigma, incorporou-os por um pacto – e tal é um dos significados de *Covenants* – decorrente de afinidade eletiva, à sua própria obra².

Bob respeitou integralmente os textos de Drummond, mas traduziu-os espelhando-se neles. A tradução, impecável, é aqui expansão de uma obra que se prolongou e se encontrou na intimidade de outra. O poeta norte-americano concertou um pacto com o brasileiro, indo nele buscar algumas espécies de sua própria escrita, estadeadas em *Covenants* – palavra que igualmente significa sinal de testemunho e de aliança.

Revelam-nos aspectos dessa tradução, em regime de transação apropriativa, certas soluções encontradas para as duas primeiras estrofes de *Oficina irritada*: “Eu quero compor um soneto duro / como poeta algum ousara escrever./ Eu quero pintar um soneto escuro,/ seco, abafado, difícil de ler.// Quero que meu soneto, no futuro,/ não desperte em ninguém nenhum prazer /E que, no seu maligno ar imaturo, / ao mesmo tempo saiba ser, não ser.”/ “Na tradução de Bob, o soneto a compor não é simplesmente duro; tem a dureza da pedra: “I want to write a sonnet stonier / than any poet ever dared to write,”/ Carregando na dureza, na *secura* e na *escuridão*, o soneto, não apenas difícil, torna-se impossível de ler: I want to paint a sonnet that is dark, / dry, strangled, impossible to read.”/ Se, na segunda estrofe, Bob conseguiu, para o terceiro verso, fazendo corresponder a “maligno ar imaturo”, “malignant immaturity”, excelente transposição, já perdeu a sutileza que o verbo *saber* imprime ao quarto verso, ao traduzi-lo: “it will at the same time be and not be.”

Robert Stooch conheceu a poesia de Drummond na sua viagem ao Brasil e aproximou-se dela pela trilha subterrânea da linguagem da poética moderna, que liga, sincrônicos, Corbière e Laforgue, Apollinaire, Maiakovski, Eliot, Pound, Jorge Guillen, Auden, W. Carlos Williams, W.

² Numa das notas finais apenas à coletânea, a propósito de Mario Faustino, há este registro: “The Man and his Hour (O Homem e sua hora) is the title of one of his books. Carlos Drummond de Andrade is, in my opinion, the greatest of living poets; but Mario Faustino digged in as deep a mine, and the ore he scattered over his shoulder blinded Apollo by day and a pilot by night”.



Stevens, F. Pessoa. Nas traduções do poeta norte-americano, sob a perspectiva das matrizes de uma poesia que, como a de *Covenants*, aprofunda e renova a densa tradição da poesia de língua inglesa, assoma a universalidade de fato da poesia de Drummond, que também, ressalta, em língua francesa, da recente coletânea de poemas drummondianos – *Réunion* – que Jean-Michel Massa organizou, traduziu e prefaciou para a conhecida Collection Bilingüe des Classiques Étrangers da editora Aubier, Montaigne³.

Dentre os 76 poemas desse volume, selecionados da obra de Carlos Drummond de Andrade, até 1969, destacamos *Poema de sete faces*, *No meio do caminho*, *Sentimento do mundo*, *José*, *Procura da poesia*, *O medo*, *Consolo na praia*, *Desaparecimento de Luísa Porto*, *Carto esponjoso*, *Confissão e Oficina irritada*, *Amar*, *A um varão que acaba de nascer*, *Evocação Mariana*, *A máquina do mundo*, *A distribuição do tempo*, *Especulação em torno da palavra homem*, *Amar amaro e Palavras*, de *Lição de coisas*, *Cantilena prévia*, de *Boitempo* – para citarmos aqueles que melhor atestam a qualidade da antologia e o alto nível alcançado pelo trabalho do tradutor que soube dispor, na língua receptora, dos registros léxicos e sintáticos adequados às variações reflexivas do verso de Carlos Drummond de Andrade.

Recebemos das traduções de Jean-Michel Massa a impressão, que nos dera o experimento de Mario Faustino para a língua inglesa, de uma escrita que flui nascente, do idioma francês, como se nele fosse originariamente elaborada. É o estabelecimento de um vínculo de congenialidade lingüística, proeza a crédito do tradutor, o que se verifica em *Soneto da esperança perdida* (*Sonnet de l'esperance perdue*), em *José* (*José*) ou na *Procura da poesia* (*Recherche de la poésie*), onde, entre as pautas lingüísticas do original brasileiro e da versão francesa, parece haver um recíproco espelhamento. O poder filosófico do verso drummondiano renasce do balanço dubitativo das afirmações e interrogações, cruzadas de um varão que acaba de nascer (*A um homme qui vient de naître*). “Todos vêm cedo, todos/ chegam fora de tempo/ antes, depois. Durante/ quais os que aportam? Quem/ respirou o momento/ vislumbrando a paisagem/ de coração

³ – Carlos Drummond de Andrade, *Reunião/Réunion* – Poèmes choisis, traduits et préfacés par Jean-Michel Massa, Professeur à l'université de Haute-Bretagne – Aubier Montaigne, 1973.



presente? Quem amou e viveu? Quem sofreu de verdade?/" ("Tous viennent tôt, tous/ arrivent hors du temps, / avant, après. Pendant, / quels sont ceux qui touchent le port? Qui / respira le moment, / apercevant le paysage / le cœur présent?/ Qui aima et vécut?/ Qui souffrit pour le bon? /"). Manteve-se impecável a gravidade danteana dos tercetos de *A máquina do mundo* (*La machine du monde*): "E como eu palmilhasse vagamente / uma estrada de Minas, pedregosa / e no fecho da tarde de um sino rouco / se misturasse ao som de meus sapatos / que era pesado e seco; e aves pairassem / no céu de chumbo, e suas formas pretas /... .." ("Et alors que je parcourais lentement / une route de Minas, pierreuse, / et qu'à la fin de l'après-midi une cloche rauque // se mêlait au son de mes souliers / qui était lent et séc; et que des oiseaux planaient/ dans le ciel de plomb, et que leurs formes noires/").

A sina de traição que acompanha, de acordo com o famoso provérbio – *traduttore, traditore* – a figura do tradutor, não é mais do que a fatalidade das diferenças irreduzíveis que separam dois universos lingüísticos distintos, e que mesmo os mais hábeis expedientes, a exemplo do "cette te vie stupide, mon Dieu.", – que sacrifica, por certo, o irrecuperável valor de irrisão, ética e religiosa do "Eta vida besta, meu Deus", – serão incapazes de preencher. Como é possível conservar o resvalado da paranomásia no verso de *Amar Amaro* – "Por que amou por que almou" – verdadeiro estratagema da língua portuguesa, senão pelo ardil da repetição que o transforma em "Parce qu'il aime parce qu'il aime"? Traído mais do que traidor, quem traduz arrisca-se a um jogo de perde-ganha.

Na tradução de Jean-Michel Massa os ganhos são, até nos dois sonetos, "*Oficina irritada*" e "*Confissão*", que Robert Stook traduziu para o Inglês, muito superiores às perdas. Enquanto o poeta norte-americano se aproximou da poesia de Drummond pelo caminho da língua geral da poesia moderna, de certa maneira a ela chegando de fora para dentro, sem uma convivência prévia prolongada com a literatura brasileira, Jean-Michel Massa, a quem devemos o grande e indispensável painel biográfico interpretativo da juventude de Machado de Assis⁴, fruto de longo

⁴ Jean-Michel Massa, *A juventude de Machado de Assis (1839-1870) – Ensaio de biografia intelectual* – Trad. de Marco Aurélio de Moura Matos, Ed. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1971. Foi tese de Doctorat d'état, apresentada à Faculté de Lettres et Sciences Humaines de Poitiers em 1969.



período de trabalho e de convivência com a obra machadiana, aproximou-se da obra drummondiana, quando há muito já morava nessa literatura. A introdução que ele escreveu, para apresentar Drummond ao público francês, revela-nos a parte que Machado de Assis desempenhou na afinidade eletiva que se estabeleceu entre o tradutor e o poeta.

Diz-nos Jean-Michel Massa, em resumo, que Drummond, homem sem biografia, que se engendrou no ato de nascimento que é Poema de faces – escolhendo-se anguloso e escolhendo “le saillant, la mordant, le piquant”, – é o homem do interior que se fechou para exteriorizar-se. E num misto de “*douceur et duréte, verdure et rigueur*”, ascendeu, dentro da dialética do desenraizamento, tão antiga, tão geral e tão constante na literatura brasileira, a uma outra distância: à distância entre si mesmo e o mundo. Em jogo com o tempo e com a linguagem, que se produz e reproduz, como intervalo, como diferença jamais preenchida, na escrita poética, que aproxima e afasta o interior do exterior, o presente do passado, o desejo da plenitude, a poesia de Drummond “*ne doit pas être lue comme la Bible, car elle ne suggère aucune vérité. Sa poésie est au contraire un antidote, un poison, un repoussoir aussi,*”. – Antídoto, veneno e fonte de contrastes.

Mas toda grande poesia não destila um veneno, que é, ao mesmo tempo, antídoto e remédio? Não é o poeta, e, sobretudo um poeta que conhece o poder de recusa e de desprezo da palavra escrita, aquele que assume a função do pharmacôn, no sentido platônico – aquele que cura quando envenena e que envenena quando cura? Antídotos, venenos e contrastadores, elementos da poesia drummondiana, também se encontram entre os símplices da farmacopeia machadiana, e em ambas para compor a substância, ora tóxica ora curativa, do humor.

Foi por intermédio do gauche Machado de Assis que Jean-Michel Massa chegou ao gauche Drummond. O poeta do ensaísta com o primeiro selou a afinidade eletiva do tradutor com o segundo.

